

produtividade e inovação

TECNOLOGIA

Uma app portuguesa que encontra o zika

Duas empresas portuguesas uniram-se para criar uma aplicação que, graças à georeferenciação, consegue mapear onde está o vírus zika. Brasil já estuda introdução da aplicação.

ANA LARANJEIRO
alaranjeiro@negocios.pt



Rui Sequeira é o líder da Teorema S, uma das empresas que desenvolveu a Geo-4studies.

Duas empresas portuguesas – a Beanstalk e a Teorema S – desenvolveram uma aplicação (a Geo-4studies) que visa ajudar a mapear o vírus zika, que tem afectado em particular a América do Sul.

A Teorema S desenvolve sistemas de informação geográfica. Com presença no Brasil, os pedi-

A OMS já alertou que as infecções provocadas pelo vírus podem aumentar na Europa, com a chegada da época dos mosquitos.

dos de clientes para encontrar uma forma de ajudar a detectar os focos da doença começaram a surgir com mais regularidade. Para isso, a empresa decidiu aliar a sua área de actividade aos conhecimentos em aplicações da Beanstalk no sentido de desenvolverem uma aplicação móvel que “permite ir para o terreno”.

Rui Sequeira, director-general da Teorema S, explica, em declara-

ções ao Negócios, que com esta aplicação os funcionários de autoridades públicas, quando se deslocam a um local onde foi detectado um foco da doença, “em vez de estarem a preencher” formulários em papel, podem responder aos inquéritos na aplicação que está presente no smartphone ou “tablet”. Em resultado disso, os dados vão “aparecer no sistema devidamente georeferenciados, o que



Os dados dos formulários vão aparecer no sistema devidamente georeferenciados, o que permite mapear onde é que a doença está a ocorrer.

RUI SEQUEIRA
Directora-geral da Teorema S

num servidor, pronta a ser usada e a produzir mapas, estatísticas”, assinala. Com estes mapas e dados estatísticos, as autoridades de saúde podem perceber a evolução geográfica da doença e também perceber se as medidas de prevenção contra a doença estão a ter o efeito pretendido.

Inovar com simplicidade

Por detrás da aplicação há um conjunto de algoritmos, que permitem criar estatísticas e mapas, e que foram desenvolvidos pelas equipas das duas empresas. Mas Rui Sequeira salienta que o problema que tinham – perceber onde estavam os focos da doença – foi solucionado com “simplicidade”.

Pegamos em “tecnologias relativamente simples – a capacidade de uma pessoa ter um [smartphone com] 3G na rua, uma aplicação móvel no smartphone ou ‘tablet’ – e depois essa informação está imediatamente disponível num servidor (“cloud”) e a alimentar qualquer sistema de informação geográfica”, permitindo a elaboração de dados estatísticos. No mercado desde Janeiro deste ano, o responsável assume que a “Casa Civil da Presidência da República do Brasil já está a avaliar utilizar” esta aplicação para detectar casos do vírus zika no país.

Além disso, esta tecnologia pode ser usada para outras doenças ou finalidades. “Neste momento, em São Paulo estão a usar a aplicação para fazer o registo das árvores que têm de ser podadas por causa dos postes de electricidade”, tendo em conta que este é um problema que pode colocar o abastecimento das cidades em causa.”

“Como estou na rua, com toda a capacidade móvel que hoje as comunicações têm, acabei de preencher a informação e esta já está